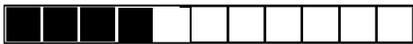


INTRODUÇÃO





“**Em** cada beco se descortina um universo”. Tal foi o enunciado do presidente de uma associação de moradores de uma favela na Zona Norte do Rio de Janeiro. Enunciado que condensa não apenas o que Lima Barreto diz sobre os subúrbios, mas a própria obra do autor. E em cada livro, conto, crônica; em cada página, cada sentença, se abre um universo. Pleno de ambivalências. Onde a complexidade e a riqueza da vida são traçadas sobre o plano caótico da existência. Daí ver em certas páginas, beleza e feiura, força e fraqueza, destino e liberdade se entrelaçarem. Daí ver, sobretudo, que não há negação do sofrimento, mas há sofrimento e aprendizado – como se vê em Policarpo Quaresma e em Clara dos Anjos. O que se tentará, aqui, portanto, é percorrer certos fragmentos desses universos.

Que fique explícito, então, que não se trata de um livro que pretende englobar a vasta obra de Lima Barreto. Pretende-se, sim, fazer com que diferentes fragmentos se cruzem. Fazer com que, por exemplo, uma crônica diga algo sobre um romance, que uma entrada em um diário diga algo sobre um conto. O que se faz aqui é colocar algumas de suas obras em uma encruzilhada, fazendo com que por elas atravessem outros textos do autor. O propósito é, pode-se dizer, ler Lima Barreto a partir dele mesmo.





Mas logo as coisas se complexificam. Afinal, o que seria esse “ele mesmo”? Sabe-se que Lima Barreto não apenas utilizou pseudônimos, como também não parou de fazer imbricarem-se vida e arte, história e ficção. Verdadeira obra em zigue-zague. Característica que demanda certa vagarosidade, certa prudência no momento de análise e de interpretação de sua obra. Contudo, parece pertinente dizer que, ao se olhar parte da crítica direcionada a seus escritos, rapidamente essa complexidade foi interpretada como sobreposição da vida à obra. Ou seja, considerou-se que um dos pontos fracos da obra ficcional de Lima Barreto seria estar sobrecarregada com sua vida. Bem, um dos objetivos desse livro é ressaltar que as coisas não são tão simples. Pelo contrário, a obra do autor da Vila Quilombo é plena de complexidade exatamente por estar tão próxima ao caos, ao abismo, próprio à vida da população negra no Brasil, especialmente, na Primeira República. Por isso, por tal proximidade, que se pode atribuir o título de literatura afro-brasileira à obra de Lima Barreto. Não foi para outra coisa que a arte foi utilizada, foi produzida: fazer com que do abismo pudesse emergir beleza, do caos da sobrevivência se erguer vida. A escrita barretiana não é *peçoal*, ela tende em direção à constituição de uma nova via expressiva, e por isso mesmo, uma nova possibilidade de existir, não apenas para o autor, mas para todo um povo – o povo negro.

Lima Barreto, dessa maneira, se encontra em um *continuum* traçado da África às Américas, que, de modo ativo e criativo, é conectado a diferentes povos e obras. Conexão que, muitas vezes, funcionou como uma das poucas possibilidades para manter a vida em um meio que impunha a mera sobrevivência e a morte. Por isso, aqui, não se abre mão de ligar seus escritos à arte produzida por outras pessoas que coabitam, de modos variados, esse *continuum*. Algo que não quer dizer isolamento – talvez, apenas, um momento, e necessário, separatismo (LE GUIN, 1983). Lima Barreto não parou de citar autores europeus, de os elencar enquanto grandes influenciadores de seus escritos, de fazer alguns de seus personagens



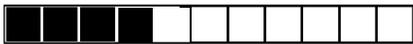


enumerá-los, menos enquanto modelos literários do que como verdadeiros meios para o conhecimento de *si*. Isso não impede que se veja que o elemento catalisador de sua obra é, exatamente, a habitação neste *continuum de existências negras*. Aí está toda a riqueza: como, por um lado, um autor russo ou alemão podem servir a um autor afro-brasileiro na abertura de vias expressivas inéditas para todo um povo e, por outro, como não se para de falar a toda humanidade quando se faz falar um preto velho ou uma jovem negra; como os subúrbios do Rio de Janeiro podem ser dobras cósmicas – a um só tempo, aberturas para o universo e aberturas de universo. Assim, se a obra do autor é elemento de nova possibilidade de existir para o povo negro, é, portanto, elemento de abertura para a humanidade.

Este livro é uma tentativa, breve, de expor tal riqueza. O primeiro¹ e o segundo capítulos são proposições acerca dos romances *Recordações do escrivão Isaías Caminha* e *Triste fim de Policarpo Quaresma*, respectivamente. No primeiro, certa atenção especial será dada a *Breve Notícia* que antecede o texto da segunda edição do primeiro livro publicado pelo autor. Pretende-se, a partir de Isaías, trazer à luz uma certa atividade, um procedimento próprio ao autor e presente em grande parte de sua obra: o testemunho ficcional. O segundo capítulo é uma leitura do romance mais famoso do autor, atenta ao termo usado por Adelaide, irmã do protagonista, para descrever o pensamento e as atividades de Policarpo: *mania*. Busca-se salientar o funcionamento desse termo destacando certos contextos e personagens tidos como *marginais*: como Maria Rita, Anastácio e Ismênia. Sublinha-se, concluindo, a importância de Olga, enquanto linha de fuga do ciclo de decepções vivido por seu padrinho, Policarpo Quaresma. O terceiro capítulo lida com o modo como a música, principalmente a dita popular, aparece na obra de Lima Barreto, especialmente em dois de seus livros, *Triste fim* e *Clara dos Anjos*, e em algumas crônicas. O que se intenta é mostrar certas nuances do autor em relação ao tema. Nuances que impedem um

¹ Uma versão desse capítulo foi publicada na revista *Remate de Males*.

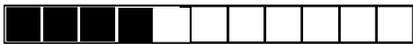




juízo apressado que concluiria que o autor desprezava a música popular. A pergunta que parece guiar o autor em suas avaliações é: quais são os efeitos da música? O quarto capítulo é um esboço de qual seria o projeto literário – e existencial – de Lima Barreto. Projeto pautado em três pontos: um objetivo – a felicidade e satisfação da humanidade; um princípio – o anarquismo; um meio – a literatura. Há, no capítulo, certo esforço de sistematização. Por isso, ele é diferente dos outros, apresentando seções com subtítulos. O quinto, o último e mais breve capítulo, é algo como um adendo. Lida-se nele com a questão das drogas, incluindo aí o álcool e outros meios, benéficos e nocivos, de esquecimento. Mais do que uma análise, o capítulo é, quase, uma mera repetição das palavras do autor. Repetição que, por um lado, denota a persistência de um estado de coisas que Lima Barreto já enfrentava e, por outro, dá visibilidade ao caráter de herança das palavras do autor: verdadeira oferta ao futuro.

Por isso discordar do que se diz sobre a melancolia, a nostalgia, o derrotismo e, principalmente, o ressentimento que emanariam da obra de Lima Barreto. Dizer que se discorda não é afirmar que tais sentimentos não estejam presentes na obra do autor. O que se diz é que eles não a resumem, nem mesmo chegam perto de ser o principal. Pois, que se lembre, aqui, das palavras da narradora do conto *Ayoluwa, a alegria de nosso povo*, de Conceição Evaristo (2016, p.114): “quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução”. Lima Barreto não parou de espiar o tempo, mesmo com todas as dores, em busca de novos possíveis, para todo um povo. Como suas palavras, que ainda muito servem, deixam transparecer: “Atualmente, nesta hora de tristes apreensões para o mundo inteiro, não devemos de deixar pregar, seja como for, o ideal de fraternidade, e de justiça entre [a humanidade] e um sincero entendimento entre [ela]” (BARRETO, 2017, p.280). Por isso afirmar que não são a melancolia, a nostalgia e o ressentimento que impulsionam a obra barretiana. Não se poderia



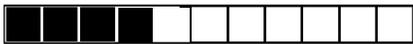


pensar em dar conta de um destino tão grandioso, como é aquele dado por Lima Barreto à literatura, se essas fossem suas forças. Há algo diverso. Pode-se dizer da obra de Lima Barreto aquilo que se diz sobre os Quilombos: ela projeta uma esperança (NASCIMENTO, 2006). E não há passividade aí: trata-se de iluminar um caminho que passa a existir graças a essa luz. Lida-se com a instauração de uma via inédita que, agora, pode ser percorrida. O presente livro nada mais é do que alguns passos. Passos tateantes e esperançosos.

E para dar continuidade à caminhada parece ser necessário reafirmar duas coisas: ao lidar com a obra de Lima Barreto, lida-se com um universo; a obra barretiana se deu como um traçado sobre o plano caótico da existência. É como se Lima Barreto, por meio da escrita, procurasse tornar o caos algo inteligível e habitável, fazendo constelações dos elementos mais díspares. Seus escritos são, assim, uma oferta para que aquela pessoa que lê possa tentar fazer o mesmo. Que se atente, agora, para o fato de que nunca se está em completa segurança, pois a escrita(-leitura) é *meio*, é um *estar entre* a velocidade infinita do caos e a harmonia do universo. E nesse sentido, as brechas e fendas são muitas. O jogo que se dá através das palavras é sobre abismos.

Que se abra espaço, aqui, para um mito contado pelo Sócrates de Platão, no *Fedro* (2016). O mito diz que dentre as descobertas do deus Theuth – como o número, o cálculo, o gamão e os dados – estão as letras. O deus vai a Thamous, rei do Egito, apresentá-las: diz que são um medicamento para memória e sabedoria. Thamous o corrige: não seriam um medicamento, mas sim um veneno. E complementa que o erro de Theuth deriva-se da afeição paterna que tem por sua invenção. O interessante é que a mesma palavra grega é usada para referir-se tanto a remédio quanto a veneno: *phármakon*. Apesar da interpretação que se trataria, simplesmente, de uma condenação de Platão à escrita, seu Sócrates diz algo diferente. Ele afirma que há um bom uso da escrita: enquanto diversão, enquanto brincadeira, jogo. Um jogo perigoso, pois ainda lida-se com





um *phármakon*, veneno e remédio. Veneno que desfaz, como a velocidade infinita do caos. Remédio que (re)constitui, como uma nova harmonia do universo. Também é um jogo perigoso, pois guarda-se pelas jogadas e pelas criações feitas nele uma afeição parental. E por isso tudo que Lima Barreto diz que a literatura poderia matá-lo, mas também salvá-lo. Talvez ela tenha feito os dois. E há algo mais. Acerca de Platão, o autor da Vila Quilombo diz “que, com o ser grande filósofo, não deixava de ser também um grande poeta” (BARRETO, 2010, p.270). Que se tenha atenção aí. Pois se o filósofo é aquele que mais se aproxima do céu das ideias, o poeta é aquele que melhor lida com a terra dos afetos. Platão habita o *entre* o céu e a terra, por isso denominá-lo o *poeta-filósofo*², como o fez, em suas palavras, Lima Barreto, no texto *O destino da literatura*. E é aí, neste texto, que a tarefa da literatura é exposta: gerar compreensão mútua entre a humanidade, somando inteligência, solidariedade e felicidade a ela. Para cumprir tal tarefa por meio da literatura é necessário que se instaure um ciclo de ideias e de sentimentos. As ideias, por si só, não são capazes de soldar as almas, como diz o autor, é preciso que elas sejam transformadas em sentimentos (ou transportadas por eles). Apenas esses são capazes de afetar quem se relaciona com uma obra e de fazer com que se alcance uma ideia. Por isso falar em ciclo – talvez fosse mais adequado falar em espiral – no qual ideias e sentimentos passam a conectar e ampliar as fronteiras da humanidade. Para tanto, Lima Barreto também se encontra na fronteira, entre o céu e a terra, não apenas um *literato-filósofo*, mas também um *griot-filósofo*, pois para falar à humanidade parte da vida e da história de um povo.

Cabe, por fim, uma nota. O livro *Recordações do escrivão Isaías Caminha* aparece do início ao fim desse livro. Há um motivo para isso. Foi o primeiro livro de Lima Barreto que li. Foi, efetivamente, uma porta que se abriu para todo um universo. Uma porta que se abriu graças a amizade (o livro foi um presente de pessoas cuja

² O termo hifenizado aparece em Giovanni Reale (2000, p.09).





amizade é, mesmo, uma força vital). Antes de ler a explicitação de Lima Barreto acerca do funcionamento da literatura – uma espiral contagiante de sentimentos e ideias – fui tomado por sentimentos e ideias. Os sentimentos que me atingiram, a partir dele, as ideias que apareceram dele e com ele, mostraram-se chave para a leitura e interpretação de sua obra. Uma leitura e interpretação afetivas que, desde já, implicam a problematização do presente. Por isso dizer, assumindo todos os riscos disso: o que se faz aqui é ler Lima Barreto a luz de seu próprio projeto. Não parece algo demasiado, muito menos algo inovador. O que se tem aí é uma tarefa necessária, a ser sempre retomada. Pois pode-se fazer servir a Lima Barreto as palavras dedicadas a outro autor: *os que falam com verdadeira dureza a seu presente, devem esperar a justiça dos posteriores*³. Ler Lima Barreto a luz de seu projeto é, sobretudo, algo mais. É dar continuidade a uma espiral. É menos ler e interpretar do que canalizar os efeitos da obra do autor por meio da escrita. Canalização que não é dada facilmente, por isso vai-se “escrevendo em explosões” (BARRETO, 1956c, p.135). Que se retorne e se reescreva ou, pelo menos, se dê precisão a certas palavras, pois não basta adjetivar uma leitura e uma interpretação como afetivas. Deve-se dar vazão a tais afetos por meio de algo como um livro. Deve-se comunicá-los. É preciso tentar habitar – do jeito que for possível, com o material que se tem – esse *entre*, esse meio do caminho que vai de ideias a sentimentos, de sentimentos a ideias. Ler Lima Barreto a luz de seu próprio projeto é, portanto e por fim, se afastar de Lima Barreto. Fazer algo a partir dele e, por isso, diferente dele. Daí não se escrever um romance, um conto ou uma crônica. Por isso não se restringir, aqui, aos autores preferidos de Lima. Não buscar reconstruir seu contexto de produção. Não buscar desvendá-lo ou decodificá-lo. Trata-se de ensaiar algo. Talvez algo como uma resposta, que já se faz novo chamado. Algo que se dá a partir de Lima Barreto, graças a Lima Barreto. Que se tente, então.

³ A frase de Giorgio Colli (1974, p.17) – “...quanto devono attendersi dalla giustizia dei posteri tutti coloro che parlano al loro presente con vera durezza” – refere-se a Nietzsche.

